



António Feliciano de Castilho

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série II — N.^{os} 1 e 2

Janeiro a Junho de 1916

SUMÁRIO

- António Feliciano de Castilho — P. 1.
Núcleo da Liga Nacional de Instrução em Benguela — P. 6.
Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga — P. 7.
Cursos nocturnos subsidiados pela Liga — P. 14.
Mapas estatísticos dos cursos nocturnos — P. 16.
Publicações recebidas ultimamente — P. 28.
Votos do I Congresso Nacional de Educação Física — P. 29.
Relatório da gerência da Liga Popular contra o Analfabetismo — P. 31.
Relatório escolar do Centro de Campo de Ourique — P. 35.
Canções escolares premiadas no IV Congresso Pedagógico da Liga. — P. 36.

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

Os méritos de Castilho como ensinador e propagandista da instrução estão hoje caindo em um olvido injusto, sendo apenas uma reparação devida que de novo relembremos o seu nome. E se a sua figura literária continua a enfileirar na história ao lado de Garrett e Herculano, observemos que da própria hegemonia que neste campo êle exerceu sobre tantos bons espíritos do seu tempo já se podem inferir as suas notáveis qualidades de educador—sem discutirmos aqui, que não é o lugar próprio nem a nós nos compete—da natureza e resultados dessa hegemonia, aliás já de sobejo criticada por quem de direito.

O grande cego de magníficas energias, que dominando essa própria cegueira tanto conseguiu elevar-se acima dos mais felizmente dotados, era de facto, por temperamento, um verdadeiro mestre; demonstrou-o igualmente nos domínios mesmo da instrução. É neste âmbito mais restrito que nós rememoraremos um pouco a sua obra; mas podemos ainda observar que, reciprocamente, também aqui as duas personalidades, a do artista e a do educador, nunca se desdobram por completo, sendo porventura até na sua concepção, embora vaga e primitiva, do que deve ser o primeiro ensino, bem como na efectivação dessas ideas, que êle se nos revela, livre das peias clássicas, mais verdadeiramente poeta—um poeta em acção, espontâneo, amoroso, adorável.

¿Como foi que se deu o facto estranho de, aos 47 anos de idade, Castilho, até então essencialmente homem de letras, se lançar em

um curso inteiramente novo da sua prodigiosa actividade, e que tanto o absorveu?

Obrigado pela penúria— a eterna penúria das nossas letras, a que poucos tem logrado escapar— a emigrar para os Açores, foi aí que teve o ensejo de dedicar-se, pela primeira vez ao que se sabe, às questões educativas. As origens desta nova modalidade da sua vida, sobremaneira curiosas, merecem bem a pena de que lhes consagremos algumas linhas.

Havia em S. Miguel, a ilha para onde Castilho foi viver, uma instituição deveras notável, e que se atendermos à época ainda mais nos enche de pasmo, reportando-nos à nossa triste inércia actual: uma Sociedade de Agricultura. Esta corporação mantinha um jornal seu, e a Castilho foi cometido o encargo, regularmente remunerado, de o dirigir.

A frente da Sociedade encontravam-se homens de invulgar iniciativa, como se poderá avaliar pelo que segue, senão já pelo que fica dito. Reconhecendo a necessidade de difundir conhecimentos agrícolas pelas populações rurais, mas não sendo isso possível pela muita ignorância daquela gente, resolveram atacar o mal pela raiz e meteram ombros decididamente à pesada tarefa de fundar escolas primárias, como base imprescindível e essencial. ; Grande e nobre exemplo êsse de há tantos anos, que poderia hoje ter já frutificado em abundantes colheitas!

Chamado o poeta a capítulo começou-lhe logo a reverter o entusiasmo. E indo por seu turno ao fundo do problema que lhe era pôsto, procurou êste então qual a maneira de o ensino primário ser facilitado e melhorado.

Eis as origens do *Método português de leitura* e da vida pedagógica de Castilho. Do Método adiante diremos breves palavras; mas permitir-nos hão que concluamos êste maravilhoso episódio da benemérita colectividade de S. Miguel, dizendo que foram relativamente numerosas as escolas por êste seu impulso fundadas, diurnas e nocturnas, muitas delas gratuita e devotadamente regidas por sócios da já então sua como que dúplice *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes*. Durante a sua estada na ilha, além do Método, compôs Castilho vários opúsculos à instrução referentes, como a *Felicidade pela Agricultura*, além de várias obras puramente literárias e, portanto, fora aqui do nosso propósito.

Mais avultada é a obra da Sociedade, que se entrevê impulsio-nada pela vontade firme de Castilho, seu fundador, mas a nosso pesar temos de resumir-nos a acrescentar que pela sua acção benéfica se realizaram também em Ponta Delgada cursos populares nocturnos sôbre diferentes disciplinas, prelecções sôbre variados assuntos, de vulgarização, como hoje se lhes chama, uma exposição industrial interessantíssima, etc.

Sigamos agora o poeta até Lisboa, onde regressou a 12 de Julho de 1850. Vamos aí ver a nova árvore, transplantada, ganhar raízes, arredondar-se em copa, tornar-se frondosa— até vir a sofrer a dura lei do tempo, mas não sem deixar atrás de si nobres memórias da sua pujança e da frescura do seu abrigo.

Na capital continuou Castilho, com uma perseverança admirável e exemplar, a sua luta em favor do método, exercendo a sua forte personalidade sobre a maioria daqueles que chegavam ao seu contacto a mesma sedução e império que acabamos de contar quanto à sociedade micaelense. Mas é tempo de abrir um parêntese e falarmos alguma cousa do método propriamente, do seu significado e da sua evolução.

A característica mais simpática que através d'ele ainda hoje nos ressalta é a sua inteira compreensão da alma da criança, da diferença de *interêsse*, no sentido psicológico, que assinala o seu modo de ser relativamente ao adulto. Tudo se tenta levar no método à sua própria altura, para que ela o possa verdadeiramente apreender, e assim colaborar ela mesma com o professor no processo do ensino.

Corolários d'este princípio generoso, a alegria, o movimento, o ritmo, o canto, todos estes elementos são sempre amorosamente acolhidos e cultivados. As letras — imitação lialmente confessada do método de Lemare — são sombras de figurinhas que agem, que vivem, e em histórias cheias de infantilidade, embora decerto também de demasiada infantilidade de construção, proferem os sons que aquelas representam; numerosas vinhetas e gravuras perfeitamente adequadas — como o campanário, cujos sinos, de diferentes grandezas, *dizem* as várias vogais nasais — aligeiram a tarefa e dispersam a fadiga; regras em verso, facilmente decoráveis, pecando algumas apenas por excesso de pitoresco, avultam freqüentes. Vemos nitidamente, ao percorrermos as frias letras negras das lições, em frente do Mestre os rostos extasiados das crianças, presas da magia das invenções engraçadas, toda a dura cabalística dos sinais feios e inexpressivos animada como que por encanto, movendo-se e accionando, traduzida em historietas atraentes e compreensíveis, que a memória retêm com agrado e a fantasia ilumina com as côres da vida.

Quanto aos seus princípios pedagógicos, foram-se elles successivamente acentuando e tomando corpo, como já frisámos, nas successivas quatro edições que se publicaram de 1850 a 1857.

Na primeira aparece ainda apenas como fio director a mnemonização das letras por figuras; o seu título é *Leitura Repentina*.

Na segunda a *leitura auricular*, a análise dos elementos fónicos da linguagem, toma já a primazia e o método passa a denominar-se com justiça o *Método Castilho*.

Na terceira e quarta finalmente é elle simplificado, condensado, purificado, e ao nome do autor vem associar-se no frontespício patrioticamente, o da sua nacionalidade: é agora definitivamente o *Método português Castilho*.

Podemos nesta altura ainda acrescentar que os proventos directos d'este seu trabalho os entregou o Mestre à *Associação Promotora da Educação Popular*, de Lisboa, para ajuda dos seus gastos.

Mas voltemos agora à carreira de Castilho como apóstolo e propagandista da instrução.

*

A acção do poeta na metrópole amplifica-se como dissemos; torna-se mais ambiciosa, mais vasta, pretende ir ainda mais além. Já não se trata apenas de estender a instrução popular, e de melhorar ao mesmo tempo os bárbaros processos rotineiros; este último ponto de vista toma a supramacia, e como consequência lógica é aos mestres que elle agora se dirige e procura transformar.

Em 1852 realizou-se a primeira tentativa, numa instalação obsequiosamente cedida, no palácio Sarmento. A fé entusiástica de Castilho continuava a grangear-lhe adeptos devotados. Mas o primeiro *Curso Normal* — assim lhe chamou elle próprio — regularmente estabelecido foi o que funcionou em 1853 nos Paulistas, e que teve a segui-los quasi todos os professores da cidade, e alguns mesmo de fora, montando a inscriçãõ a mais de mil nomes!

Em seguida, finalmente, o Mestre procurou levar a sua acção até a própria provincia, repetindo os cursos em Leiria (1853), Pôrto (1854) e Coimbra (1854).

Foi tal o interêsse despertado no público pelas demonstrações do novo método que houve de se tomar medidas apropriadas, estabelecendo peias ao *concurso parasita* dos visitantes, como lhe chama o mesmo Castilho.

Feição constante e curiosa destes seus cursos, como já o fôra dos da Ilha, são os saraus literários e musicais, diversões aprazíveis e de comunhão com que Castilho de tempos a tempos os condimentava. Eram as festas rituais daquela fé, onde as portas do empíreo das artes eram abertas de par em par à contemplação dos que estavam sendo iniciados.

As festas escolares, hoje tanto em voga, tam justificadas por muitos motivos, quando adequadamente organizadas, e algumas bem interessantes, tiveram assim também o seu precursor no autor do Método Português.

Êsses saraus eram freqüentes e concorridíssimos; a elles acudiam os melhores espíritos da época, e na relação dos nomes mais distintos que neles estiveram figuram Camilo, D. António da Costa, Palmeirim, Alexandre Braga, João de Lemos e muitos outros.

Ao passo que o público em geral assim secundava a boa vontade e os esforços do maravilhoso cego, as instituições officiaes combatiam-no, e bêm assim alguns concorrentes despeitados e prejudicados. Respondeu-lhes elle sempre vigorosa e dextramente, sendo ainda lembrados pelo menos os títulos já por si flagelantes das suas obras de polémica, entre as quais avulta a célebre *Tosquia de um camelo*.

*

Agora umas breves notas sôbre certas curiosidades, chamemos-lhe assim, do método de Castilho.

Como o ensino tinha de ser ministrado simultâneamente a grande número de alunos, elles recitavam em côro; e para lhes desenvolver

a propensão rítmica—palavras do Mestre—logo na primeira lição se ministravam exercícios de marcha, cadenciados a tambor, ou na sua falta por qualquer meio equivalente. Nas suas anotações, Castilho fala mesmo de um *compassador*, máquina que ideou, diz êle, para aos olhos e aos ouvidos marcar os tempos, e que supponho ser qualquer cousa como os actuais metrónomos usados pelos estudantes de música. ¿Seria êle aqui também o inovador?

Em marcha igualmente se iam declamando por vezes as palavras das lições. Com uma fina intuição, viu o poeta não só a necessidade do movimento para manter o espírito das crianças em uma boa disposição propícia ao assimilar da ingrata arte, como talvez a própria relação entre o aprender e o exercer os músculos, nos nossos dias proclamada por Stanley Hall.

Todo o ensino é referido engenhosíssimamente a factos da vida comum, certos de acordar o interêsse e estimular o apetite mental. Assim, a análise fonética é dada como sendo feita por um homem embriagado, cuja língua se pega e assim vai separando as palavras nos seus sons.

E como estas tantas outras mostras de que o seu coração e fantasia se entregaram inteira e absolutamente à sua paixão, numa plena mocidade de vontade. «Se queres podes», era a divisa da sociedade de instrução micaelense fundada pelo Mestre e era também, depreendemos nós, a dêle próprio.

E à aprendizagem da leitura ligava depois por sua vez mil ensinamentos úteis sôbre a vida cotidiana—as modernas *Lições de Cousas*, como se vê.

*

De tudo quanto pálidamente fica esboçado se poderá depreender a veracidade da afirmação por que começámos: quanto é injusto o esquecimento que paira sôbre a obra de Castilho, como educador.

Pelo entusiasmo ardente que a caracteriza em todas as suas fases, pelo grande número de devoções que despertou, pela frequência espantosa dos cursos, pela exuberância de vitalidade que sempre a anima, pelo seu alargamento ambicioso em sucessivas ondas em extensão e em compreensão, o espectáculo da história do *Método Português* sugere-nos imediatamente, ao aberdá-lo, os combates e as cruzadas dos grandes mestres da educação.

É uma leitura reconfortante a que se lhe refere. A ela exortamos confiados todos quantos nos ouvirem. Deixamo-la revigorados e rejuvenescidos, os ecos dessas bemditas pugnas reacendem em nós uma combatividade sã e generosa.

Em resumo e para concluir: Castilho, admirável exemplo de quanto pode a energia íntima, mesmo quando privada dum dos seus melhores meios de análise do exterior, é, como pedagogo—ao menos pelo temperamento e intenções, pela engenhosidade tenazmente aplicada aos seus objectivos, pelo entusiasmo pôsto ao serviço da sua causa, mas também, certamente, pelo avanço que o seu *Método* representa em relação aos anteriores e quanto à sua época—

um vulto pátrio digno de todo o nosso reconhecimento de portugueses, bem merecedor de que uma pena mais autorizada e menos rude o reivindique aos olhos do mundo culto como uma personagem de destaque, a emparejar cabidamente com tantos outros nomes universalmente apontados na história da pedagogia.

Dezembro, 1916.

Luis Cardim.

Núcleo da Liga Nacional de Instrução em Benguela

Carta do Presidente do Núcleo à Direcção da Liga

Ex.^{mo} Sr.—Cumpre-me participar a V. Ex.^a que em sessão de 22 de Junho findo tomaram posse, dos cargos que a cada um vão designados, os seguintes sócios do Núcleo local da Liga Nacional de Instrução:

Presidente—Antero Tavares de Carvalho.

Secretário—António Pereira de Alvelos.

Tesoureiro—Manuel do Nascimento Pires.

Vogais—Inácio da Fonseca Costa e Manuel Ladislau de Mesquita.

A nova direcção desde logo começou tratando de todos os assuntos pendentes e está empenhada em brevemente inaugurar a Escola-Oficina de Eduardo Costa, cujo edificio está já pronto, faltando sómente construir as oficinas.

Saúde e Fraternidade.—Ex.^{mo} Sr. Presidente da Liga Nacional de Instrução.—Lisboa.—O Presidente, *A. Tavares de Carvalho.*

Carta do Governador de Benguela, capitão José Maria Freire, a um vogal da Direcção da Liga

«O núcleo de cá está com vontade de trabalhar. O que já está feito é importante. Eu tenho-me esforçado para os meter todos em brios. Conto ainda ter o prazer de arranjar com que a inauguração da escola da Liga se faça emquanto eu sou governador. Logo que cheguei mandei entregar a quantia de 1.000\$ que estava no orçamento como subsídio. Já dei doutra verba mais 200\$ e tem-se promovido festejos e cotas para arranjar fundo que sustente os professores. Vamos a ver. A vontade é boa. No meu relatório que estou a fazer para enviar ao governador geral peço-lhe para êle destinar mais algum subsídio com o fim de inaugurar a escola.—*José Maria Freire.*»

Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga

(De Janeiro a Junho de 1916)

Acta n.º 149 (14 de Janeiro de 1916).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Dr. Adelino Furtado voltando ao assunto do subsídio para a fundação da Escola da Liga, comunicou que falando com o Sr. Ministro da Instrução este lhe dissera que não se esqueceria da Liga.

Foi recebido um novo officio do Gimmásio Club pedindo para a Direcção da Liga nomear um relator de uma tese sobre jogos escolares para o Congresso a realizar em Junho, resolvendo-se nomear para esse effeito o Sr. Álvaro de Lemos.

Acta n.º 150 (21 de Janeiro de 1916).—Tomou-se conhecimento do expediente que constava de várias publicações e duma carta do Sr. C. A. Marques Leitão, pedindo escusa de comparecer à sessão por motivo de serviço e comunicando que procurara por duas vezes o Sr. Dr. João de Barros.

O Sr. Borges Grainha comunicou que, procurando o Sr. Dr. Adelino Furtado e acompanhando-o ao Parlamento, falara ali com o Deputado Carvalho Araújo e Senadores Agostinho Fortes e Sousa Júnior sobre as pretensões da Liga e que estes haviam prometido tornar a falar com o Sr. Ministro da Instrução e até com o Sr. Dr. Afonso Costa, Presidente do Conselho e Ministro das Finanças.

Acta n.º 151 (28 de Janeiro de 1916).—O Sr. C. A. Marques Leitão comunicou que, havendo procurado várias vezes o Sr. Dr. João de Barros para inquirir sobre o que havia a respeito das pretensões da Liga, encontrara finalmente aquele Sr. que lhe disse que a Liga não estava esquecida e que o caso estava nas mãos do Sr. Ministro.

O Sr. António Ferrão, falando das duas canções que faltavam na colecção das premiadas no concurso do último Congresso disse que os seus autores tendo delas cópias as enviariam para a Liga. Sobre o livro do Congresso disse achar-se ainda atrasado em razão da muita acumulação de trabalho na Imprensa Nacional.

O Sr. Sebastião Vieira e Silva (o tesoureiro) apresentou o balancete de Dezembro próximo passado acusando um saldo de 1.860\$04(5).

Falando-se a propósito da série de conferências para que o Ex.^{mo} Sr. Ministro da Instrução convidou várias entidades, todos foram concordes que seria para desejar que essas conferências tivessem uma certa unidade, propondo o Sr. António Ferrão que seria útil lembrar ao Governo de preferença a criação de cursos de férias para devidamente orientar o professorado em bases definidas.

Recebeu-se um convite da Associação dos Caixeiros para a sessão solene comemorativa do seu 10.º aniversário e para uma

conferência pelo Ex.^{mo} Sr. Jacinto Simões, cujo tema é a *Arte e o Povo*.—Foram incumbidos os Srs. António Ferrão e Álvaro de Lemos de agradecer e representar a Liga.

A direcção do Gimnásio Club enviou o programa do Congresso de Educação Física que se deve realizar em Junho.

Acta n.º 152 (18 de Fevereiro de 1916).—O Sr. Sebastião Vieira e Silva, tesoureiro da Liga apresentou o balancete relativo ao mês de Janeiro próximo passado com um saldo de 1.824\$96(5).

Falando-se da próxima exposição da *Arte na Escola* de que a Liga só teve conhecimento pelos jornais, o Sr. Borges Grainha propôs que se peçam o regulamento-programa e mais esclarecimentos à secretaria da exposição, pois que, referindo-se os extractos dos jornais a bilhetes postais, talvez a Liga ali deva mandar os seus, bem como o seu diploma que tem uma acentuada feição artistica.

Trocando-se impressões sobre a próxima publicação duns quadros da História de Portugal, editados pelo Sr. Paulo Guedes e de que são autores o Sr. Chagas Franco e João Soares, a direcção da Liga, congratulando-se pela publicação dum trabalho tam perfeito e patriótico, deliberou felicitar os seus iniciadores.

O Sr. Alvaro de Lemos comunicou que a Escola de Comércio de Oliveirinha, que era modelar e superiormente dirigida pelo Dr. Pinto Bastos, fôra abruptamente fechada pelo seu proprietário António Costa, que a Liga no seu último Congresso Pedagógico proclamara benemérito da Instrução.

A propósito apresentou o mesmo senhor dois protestos que recebera, dos pais dos alunos e director Pinto Bastos, sobre o dito encerramentó.

Acta n.º 153 (25 de Fevereiro de 1916).—O Sr. Sebastião Vieira e Silva apresentou o folheto *Como se faz uma escola*, fez referências elogiosas ao iniciador da escola do lugar do Rosário (Moita) a que se refere o folheto, e propõe que no *Arquivo da Liga* se registre êsse facto digno de louvor.

Recebeu-se uma carta do vice-presidente da Liga, o Sr. C. A. Marques Leitão, comunicando que falara com o Sr. Dr. João de Barros, o qual lhe dissera não estar distribuída a verba designada na última parte do artigo 20.º do Orçamento—Outras construções escolares—e seria daí por certo que se designaria a correspondente para a nossa escola, conforme é desejo do Ex.^{mo} Ministro.

Examinados os programas da Exposição de Arte na Escola, resolveu-se que a Liga concorresse ao grupo II e se inscrevesse para as conferências.

Acta n.º 154 (3 de Março de 1916).—Lido o expediente recebido, começou-se a pensar no dia da reunião da assemblea geral para eleição das vagas dos corpos gerentes (segundo prescrevem os estatutos).

Trocaram-se impressões sobre o assunto da Exposição de Arte na Escola, assentando-se no que a Liga deve apresentar.

Acta n.º 155 (31 de Março de 1916). — Resolveu-se adquirir pela quantia de 45\$ *clichés* para projecções no total de 1:161 vistas.

Acta n.º 156 (14 de Abril de 1916). — O Sr. Sebastião Vieira e Silva comunica que o Sr. capitão José Maria Freire, nosso colega da direcção, conseguiu do Sr. Ministro de Instrução Pública a quantia de 2.000\$ para início da nossa escola integral Consiglieri Pedroso.

Resolveu-se mais, convocar para o próximo dia 28 do corrente, a assemblea geral da Liga, conforme os artigos 17.º, 18.º e 19.º dos seus estatutos.

Acta n.º 157 (28 de Abril de 1916). — Leu-se uma carta do Ex.º Sr. C. A. Marques Leitão, pedindo desculpa de não comparecer à sessão, devido ao seu estado de saúde.

O Sr. Borges Grainha propõe que, se comprassem à Associação dos Estatutos Pedagógicos três reproduções da fotografia que se tirou por ocasião da Exposição de Arte na Escola.

O Sr. Dr. Aníbal de Magalhães propôs para que fôsse enviada à Ex.ª Sr.ª D. Amália de Luazes um officio congratulando-se com a inauguração do Instituto para educação dos filhos do professorado primário cuja redacção era nos seguintes termos:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que, na sessão de ontem, a Liga Nacional de Instrução resolveu congratular-se com a inauguração do Instituto para educação dos filhos do professorado primário, felicitando V. Ex.ª por ter conseguido ver realizada a sua aspiração que tam carinhosamente foi sempre recebida pelos Congressos desta Liga».

Por último foi resolvido que, não havendo número para se organizar a assemblea geral ficasse esta transferida para o próximo dia 12 de Maio, reunindo esta com qualquer número de sócios.

Acta n.º 158 (12 de Maio de 1916). — O Sr. Sebastião Vieira e Silva, tesoureiro da Liga, apresentou uma proposta cujo teor é o seguinte:

Fica autorizado o tesoureiro da Liga Nacional de Instrução a encarregar um architecto para elaborar uma planta e alçados da escola que tencionamos fazer na Avenida do Marquês de Tomar para ser presente à Direcção Geral de Instrução Pública e outra para a Câmara Municipal de Lisboa.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

O Sr. Dr. Aníbal de Magalhães, secretário da direcção, lê um officio da Associação de Socorros Mútuos Igualdade e Destino convidando a direcção a fazer-se representar na inauguração do seu dispensário médico-cirúrgico no dia 20 e 21 do corrente, ficando êste senhor de o fazer no caso que os seus afazeres profissionais o permitam.

Realizou-se depois a assemblea geral da Liga em que se procedeu à eleição dos corpos gerentes.

Acta n.º 159 (26 de Maio de 1916).—Leu-se a lista dos novos membros da direcção da Liga, que foram eleitos na assemblea geral do dia 12, e que são os Srs.: presidente, C. A. Marques Leitão; vice-presidente, M. Borges Grainha; secretário geral, Dr. Aníbal Magalhães; tesoureiro, Sebastião Vieira e Silva; secretário da direcção, Agostinho de Almeida; vogais: António Bastos, Dr. António Santos Lucas, António Francisco dos Santos, António Ferrão, Joaquim José de Barros, Dr. Adelino Furtado, Alves de Oliveira, Duarte Melo e Luís da Câmara Reis.

Conselho fiscal—Presidente, José Maria Freire; vogais, António Pedro da Silva e Francisco Rodrigues Borges; substitutos, Júlio Irwin, Boaventura José de Sousa e Fernando Cardoso de Albuquerque, dos quais tomaram posse os Srs. C. A. Marques Leitão, Borges Grainha, Aníbal de Magalhães, Sebastião Vieira e Silva, Agostinho de Almeida, António Bastos, Adelino Furtado, José Maria Freire e Francisco Rodrigues Borges.

Em seguida tomou a palavra o Sr. Presidente, agradecendo à Liga a honra que acabava de lhe conferir, referindo-se com palavras elogiosas aos trabalhos até o presente empreendidos pela Liga. Declarou conservar no seu espírito uma fé viva pela instrução no nosso país. Reconhece que o problema a resolver, no que respeita à instrução, é difícil, muitíssimo difícil até; que entre nós, tanto a instrução primária, como a liceal e superior, se encontram em um estado pouco satisfatório. Alguma cousa se tem feito, mas muito há ainda que fazer neste ponto.

O estudo psicológico da criança e do adolescente, a remodelação dos nossos programas oficiais, de acôrdo com a característica social, uma maior liberdade de acção aos dirigentes dos estabelecimentos de ensino, médicos escolares, etc., são cousas que se impõem ao espírito de todos os homens de vistas largas.

Todas estas dificuldades, acrescenta o Sr. Presidente, são sobremaneira agravadas pela crise económica, financeira e política que estamos atravessando. Todas estas dificuldades, porém, não nos devem de modo algum fazer esmorecer, antes pelo contrário; onde é maior a necessidade, maior deve ser o remédio e, portanto, maior deve ser a nossa energia para as vencermos. Para alentar a nossa coragem, cita o Sr. Presidente o nome de Varela, vulto primacial do Uruguai, que, encontrando a sua Pátria em condições análogas às que se encontra Portugal, consegue, por meio do seu tacto, dedicação, energia e saber nada vulgares, libertá-la da bancarrota financeira e intelectual em que se encontrava, dando-lhe um futuro de prosperidade e instrução.

Para este mesmo fim refere-se também o Sr. Presidente à nossa Escola de Construções do Marquês de Pombal, onde todas as máquinas necessárias aos trabalhos da escola são feitas na mesma escola e não importadas do estrangeiro.

Por fim termina, agradecendo de novo à Liga a honra que acabava de lhe conferir e à qual promete dedicar toda a sua boa vontade e energia, cheio como está de fé e crença nos destinos da Liga e da causa que ela defende.

Em seguida foi apresentado pelo Sr. tesoureiro, Sebastião Vieira e Silva, o balancete da Liga referente a 30 de Abril de 1916, acusando o saldo de 1.714\$73(5).

O mesmo senhor faz a seguinte proposta:

Proponho para que fique exarado na acta um voto de muito agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Joaquim Pedro Martins, digno Ministro de Instrução Pública, por haver concedido à Liga 2.000\$ para início da nossa Escola Integral de Consiglieri Pedroso. Mais: um voto de louvor ao nosso colega na direcção Ex.^{mo} Sr. capitão Freire, pelo muito zelo e serviços prestados à Liga junto do Ex.^{mo} Sr. Ministro de Instrução, conseguindo que a nossa Liga entrasse no rateio da verba concedida para construções escolares. Que a Liga officie a Suas Ex.^{as} nesse sentido.

Aprovado por unanimidade, depois da escusa do Sr. capitão Freire, cuja modéstia os presentes aplaudiram, não desistindo, porém, do voto de louvor.

O Sr. capitão Freire declara ter de se ausentar para a África e não poder, portanto, daqui em diante assistir às reuniões da Liga, o que muito sente.

Deseja à mesma Liga todas as prosperidades que deseja para para si mesmo, e diz que fará sempre por ela tudo o que estiver em seu poder.

O Sr. Presidente agradece-lhe, em nome da Liga, os relevantes serviços prestados à mesma e muito deseja que elle regresse em breve a Portugal.

Em seguida o Sr. Sebastião Vieira e Silva refere-se à publicação do *Arquivo da Liga*. Sugere a idea de se escolher um vogal que vá, dia a dia, preparando e estudando os assuntos a tratar e publicar, julgando conveniente que no nosso *Arquivo* se escrevam artigos de valor referentes às questões de instrução applicáveis ao nosso meio social.

O Sr. Presidente acha que este trabalho deve ser de todos, e não de um só, e que, como o número das páginas do *Arquivo* não é determinado, se vá dispondo o que houver, e que, no caso de falta de original suficiente se convide um ou outro para concorrer com algum artigo, o qual deve ser pago.

O Sr. Borges Grainha concorda com o Sr. Vieira e Silva e com o Sr. Marques Leitão, cujas ideas se aproximam. Refere-se ao terceiro número do *Arquivo*, que lhe consta encontrar-se ainda muito atrasado e em desordem. Propõe que se encarregue alguém do trabalho de redacção e revisão do dito *Arquivo* e que em cada número continui a aparecer a biografia dum vulto que no nosso meio se tenha dedicado ao problema da instrução, como Castilho, João de Deus, Verney, etc.

O Sr. Presidente lembrou também, entre outros, o vulto de Pina Manique, fundador da Casa Pia, e o de Alexandre Herculano.

O Sr. Sebastião Vieira e Silva propõe que se delegue no Sr. Borges Grainha a escolha da pessoa que haja de se ocupar dos trabalhos de redacção e revisão, o que deve ser pago. Aprovado por unanimidade.

O Sr. Borges Grainha mostrou os inícios dos trabalhos do desenhador da Câmara, a quem se tinha entregado o trabalho de desenhar a planta da Escola de Consiglieri Pedroso, segundo o *croquis* feito por um vogal da direcção.

Agradou o esboço e reconheceu-se que o desenhador teve de proceder a certos trabalhos necessários por não estar presente o autor do *croquis*, trabalhos que devem ser gratificados convenientemente e que a primitiva verba indicada para pagamento era inferior a esses trabalhos. Aprovado.

O Sr. Presidente convidou o Sr. Borges Grainha e outros membros da direcção a irem visitar o local na estrada do Lumiar, destinado à escola ao ar livre, para degenerados, a qual a Assistência aos Tuberculosos desejava entregar à direcção da Liga. Combinou-se que essa visita se faria em um domingo, que depois se fixaria.

O Sr. Presidente propõe que mais uma vez se agradeça à Sociedade de Geografia os favores que tem feito à Liga, cedendo-nos a sua sala. Aprovado por unanimidade.

O Sr. Sebastião Vieira e Silva diz que o Sr. Joaquim José de Barros aceita de bom grado a nomeação para vogal da direcção da Liga e que sente muito não poder, por motivo de doença, assistir à presente sessão.

Por fim o Sr. Dr. Aníbal de Magalhães diz que, não tendo podido assistir à festa da Associação de Socorros Mútuos Igualdade e Destino, envia um telegrama em nome da Liga.

Acta n.º 160 (2 de Junho de 1916).—O Sr. Borges Grainha, em nome do Sr. C. A. Marques Leitão, pede desculpa de Sua Ex.^a não comparecer pelo motivo de ter uma pessoa de familia muito doente.

Tomaram posse os Srs. Armando Correia Duarte de Melo, Alves de Oliveira e Câmara Reis.

Falou-se no livro do IV Congresso Pedagógico e encarregou-se o escriptorário da Liga, Sr. M. Lapas, de saber do Sr. António Ferrão o que há a tal respeito. Deliberou-se que se trate da impressão do livro das canções escolares, encarregando-se o Sr. Agostinho de Almeida de falar sobre o assunto com o Sr. Tomás Borba.

Acta n.º 161 (16 de Junho de 1916).—O Sr. C. A. Marques Leitão, presidente da Liga, saúda os Srs. Alves de Oliveira, Duarte Melo e Câmara, cuja camaradagem e talento vem trazer novos elementos de valor para a nossa Liga.

Apresentadas as contas da Liga, estas accusam um saldo de 1.644\$28(5).

O Sr. Borges Grainha, que tinha sido encarregado numa sessão anterior de averiguar em que estado se contravam na Imprensa Nacional as actuais publicações da Liga, referentes ao *Arquivo* e ao Livro do IV Congresso Pedagógico, disse ter averiguado, com o Sr. Gregório Fernandes, que o n.º 2 do *Arquivo* estava sendo brochado e dentro de um ou dois dias estaria toda a remessa na Sociedade de Geografia.

Com respeito ao n.º 3, não tinha sido enviado para a Imprensa Nacional todo o original, nem a indicação da ordem por que seria publicado.

Com referência aos trabalhos do Livro do IV Congresso Pedagógico, de que fôra encarregado o Sr. António Ferrão, soube que até o presente só se encontram compostas três ou quatro granéis, não havendo na Imprensa mais original. Resolveu-se por isso escrever ao Sr. António Ferrão, para que informe a Liga, o mais depressa possível, de tudo que há sobre este ponto.

Em razão dalgumas pessoas terem ultimamente recorrido à nossa Liga, solicitando conferências, propôs o Sr. Presidente:

- a) Que se estabelecesse um plano de conferências;
- b) Que estas fôsem pagas convenientemente.

Os Srs. Câmara Reis e Agostinho de Almeida foram encarregados de fazerem o inventário dos livros da Liga; o último ficou encarregado de tratar com o Sr. Bentley da troca do nosso *Boletim* por publicações congêneres dos Estados Unidos.

Por fim o Sr. Presidente propôs que se enviasse um telegrama de condolências ao Sr. Presidente da República pela morte de seu tio. Aprovado por unanimidade.

Acta n.º 162 (30 de Junho de 1916). — Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Agostinho de Almeida diz ter falado com o Sr. Tomás Borba a respeito das canções escolares e que este lhe comunicou haver em Lisboa um impressor de música com o qual se podia tratar do assunto.

O Sr. Agostinho de Almeida ficou encarregado de falar com aquele senhor.

O secretário da Liga diz ter já escrito a carta que se resolvera escrever em 16 de Junho sobre o estado da impressão do livro do IV Congresso Pedagógico e comunica que até o presente não recebera resposta nenhuma.

O Sr. Borges Grainha comunica que tendo recebido bilhete, que apresentou, do Sr. Gregório Fernandes, a fim de ir ver como estavam os trabalhos da Liga na Imprensa Nacional, notou que aquele senhor se mostrava desgostoso com o andamento desses trabalhos, sobretudo com respeito aos do livro do IV Congresso, do qual havia apenas compostos desde Fevereiro alguns granéis referentes às teses da Física e Higiene Escolar, estando tudo parado por não haver mais original o que não convinha ao regime da Imprensa.

Em vista disto o Sr. Vieira e Silva propôs que o Sr. Borges Grainha fôsse encarregado de tratar dessa publicação nas mesmas condições em que fôra encarregado da publicação do *Arquivo*.

Não havendo nada mais a tratar, encerrou-se a sessão e determinou-se que começasse o período de férias.

Cursos nocturnos subsidiados pela Liga

Em 27 de Novembro de 1914, conforme consta da respectiva acta, resolveu a Direcção subsidiar quatro cursos nocturnos de instrução popular que funcionaram no Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique, no Centro de Miguel Bombarda (a S. Bento), no Centro de Alexandre Braga (às Escolas Gerais) e no Centro Socialista da Rua do Bemformoso, 150, 1.º Com êsses subsidios gastou a Liga 200\$11.

Em 19 de Novembro de 1915, em vista de novos pedidos, resolveu-se alargar um pouco, e dentro das fôrças do nosso cofre, a verba dêsses subsidios escolares, auxiliando o funcionamento de cursos nocturnos no Centro Democrático de Campo de Ourique, no Centro Socialista da Rua do Bemformoso, na Associação de Construção Civil em Palma de Cima, na Associação Escolar de Ensino Liberal (a S. Mamede) e na sede da Cantina Escolar de S. Miguel (a Alfama). Dispendeu-se com os subsidios a êsses cursos a verba de 285\$50.

O resultado pode ver-se nos mapas seguintes onde estão as estatísticas respectivas, de Janeiro a Junho de 1916.

Alguns dêsses cursos nocturnos mandaram a exame, do 1.º e 2.º grau, alguns alunos que ficaram aprovados, como consta dos mapas.

O Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique enviou-nos um grupo fotografico dos alunos que fizeram exame, acompanhados do professor e dum vogal da Direcção, o qual gostosamente reproduzimos aqui.

A Cantina Escolar de S. Miguel mandou-nos o grupo seguinte:



Alguns alunos e alunas do curso nocturno da Cantina de S. Miguel

Alunos dos cursos diurno e nocturno do Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique
que fizeram exames de 1.º e 2.º grau no ano lectivo de 1915-1916



Do esquerda para a direita, de pé: Armando Venceslau Matos, Mário Pires, Jorge Gonçalves Tavares, António Lopes, Alice Coelho, Manuel Henriques, Manuel Viegas Cascalheira, Carolina de Brito, Manuel Martins, Vitor Alves Neto, Leopoldina Pereira, Edmundo Coelho, Norberto dos Santos Marques, Luis Garcia Coelho.— Sentados no chão: Alvaro de Brito, José dos Santos, Albino de Oliveira.— Sentados ao centro: o professor José Guedes de Paiva e o membro da Direcção José Dias dos Santos.

MAPAS

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola do Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Maximiano Pinto Mergulhão . . .	14	Filho família	11-10-915
2	António Lopes (a)	16	Operário	11-10-915
3	Manuel Rodrigues	13	Filho família	11-10-915
4	Armando Venceslau Mata (b) . . .	15	Serralheiro	12-10-915
5	João da Costa	17	Operário	12-10-915
6	Manuel Rodrigues Tapada	21	Soldado	12-10-915
7	Abílio Rodrigues Sobrinho	14	Operário	13-10-915
8	Fernando Matos (c)	13	—	13-10-915
9	Luís Cardoso	12	Operário	15-10-915
10	José Luís Pitulante	29	Trabalhador	15-10-915
11	Manuel Ribeiro Esteves	16	Merceeiro	15-10-915
12	Miguel Joaquim dos Santos	16	Operário	1-11-915
13	José Amaro Luís	15	Operário	1-11-915
14	Manuel Viegas Cascalheira (b) . . .	22	Soldado	1-11-915
15	José Matos Machado	22	Soldado	1-11-915
16	Vítor Alves Neto (b)	23	Operário	1-11-915
17	José Almeida Lopes	13	Operário	3-12-915
18	Francisco Martins	23	Soldado	3-12-915
19	José Francisco da Paz	17	Operário	3-12-915
20	Manuel Henriques (a)	31	Empregado público	3-12-915
21	Jerónimo Damásio	13	Operário	3-12-915
22	José Mota Pereira	21	Operário	3-1-916
23	Martinho Francisco Costa	15	Operário	3-1-916
24	Raúl Augusto da Silva	13	Operário	3-1-916
25	Joaquim Figueiredo Correia	15	Operário	3-1-916
26	Cesário Marques	13	Operário	3-1-916
27	João Pereira Bruno	23	Operário	3-1-916
28	Vítor Alfaia	22	Operário	3-1-916
29	Carlos dos Santos	16	Operário	3-1-916
30	Manuel Duarte	14	Operário	3-1-916
31	António Rebêlo	18	Operário	3-1-916
32	Augusto da Conceição Paz	15	Operário	3-1-916
33	Lucas Bandeira	18	Operário	3-1-916
34	Manuel da Rocha	13	Operário	3-1-916
35	Bernardo dos Santos	17	Operário	3-1-916
36	Norberto dos Santos Marques (a) . . .	11	Caixeiro	3-1-916
37	José de Magalhães	23	Soldado	3-1-916
38	Jorge Pacheco	15	Operário	3-1-916
39	José Coureiro	18	Operário	3-1-916
40	Mário Curato	11	Operário	3-1-916
41	António Melo Lemos	18	Operário	3-1-916
42	Francisco Lopes Garcia Júnior	31	Operário	3-1-916
43	Fabrcício Roque	16	Operário	1-2-916
44	Juventino José Franco	23	Operário	1-2-916
45	Joaquim Roque	12	Operário	1-2-916

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 21		Dias lectivos 15		Dias lectivos 20		Dias lectivos 21		Dias lectivos 16		Dias lectivos 16		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento														
-	12	1	12	2	12	-	12	-	11	-	10	-	10	-	11
1	15	1	15	-	15	1	15	-	15	-	15	1	15	-	16
2	12	14	-	10	11	2	10	-	11	-	-	-	-	-	-
2	14	4	10	1	14	3	15	-	14	-	15	2	15	2	14
1	13	1	12	8	12	12	12	16	-	-	-	-	-	-	-
2	14	1	14	2	14	3	14	4	14	13	-	22	-	-	-
5	11	6	10	-	11	1	10	-	11	-	11	3	12	1	13
-	11	1	11	2	11	-	11	-	11	-	10	1	11	2	11
7	11	15	-	15	9	6	11	15	-	10	6	15	-	20	-
2	12	1	12	4	12	2	12	-	11	10	6	22	-	-	-
8	11	9	10	13	10	15	10	7	10	16	-	22	-	20	-
4	15	5	12	11	12	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	16	9	9	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	14	1	14	5	14	3	14	-	15	7	14	11	14	9	14
5	12	4	12	14	10	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	13	3	14	1	14	-	14	-	14	2	13	6	14	-	14
-	-	11	10	2	13	6	13	-	13	7	9	22	-	-	-
-	-	5	10	8	14	19	14	16	-	-	-	-	-	-	-
-	-	2	10	2	10	2	11	1	12	13	-	22	-	-	-
-	-	4	13	4	13	2	13	-	14	-	15	6	14	-	14
-	-	2	10	4	10	5	10	5	9	5	8	10	8	8	5
-	-	-	-	7	12	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	10	3	11	-	13	2	12	3	12	7	12
-	-	-	-	7	11	9	10	12	8	15	-	22	-	-	-
-	-	-	-	10	10	5	11	4	10	7	8	3	10	2	11
-	-	-	-	8	10	4	11	6	10	6	10	11	10	14	10
-	-	-	-	4	11	2	11	9	8	16	-	22	-	-	-
-	-	-	-	7	10	4	10	13	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	13	10	17	11	6	10	9	10	22	-	-	-
-	-	-	-	13	5	13	6	16	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	10	3	10	3	10	3	13	4	11	2	10
-	-	-	-	1	12	1	12	-	13	2	13	2	11	5	11
-	-	-	-	18	-	10	10	8	9	11	-	22	-	-	-
-	-	-	-	1	11	2	11	2	10	8	10	22	-	-	-
-	-	-	-	-	11	3	8	16	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	13	-	14	-	14	1	15	4	15	3	16
-	-	-	-	8	11	3	12	1	13	6	10	19	-	20	-
-	-	-	-	-	11	6	11	4	10	13	-	22	-	-	-
-	-	-	-	9	12	1	13	8	10	10	8	22	-	-	-
-	-	-	-	8	11	3	11	6	8	11	-	22	-	-	-
-	-	-	-	10	10	2	10	1	12	1	12	2	11	11	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	1	13	6	12	12	-	16	-	32	-	-	-
-	-	-	-	12	10	3	11	11	6	5	10	22	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	10	12	15	-	15	-	5	-	20
-	-	-	-	-	-	-	6	11	10	6	5	6	22	-	-

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola da Associação Escolar de Ensino Liberal

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Pedro da Silva Carvalho	14	Serralheiro	1-11-915
2	Joaquim Nunes	14	Encadernador	1-11-915
3	Alberto Luís Ferreira	14	Estofador	1-11-915
4	Eugénio José Pereira	14	Alfaiate	1-11-915
5	António Oliveira	16	Caixeiro	1-11-915
6	António Maria Clemente	17	Pedreiro	1-11-915
7	Ernesto Martins Aguiar	12	Barbeiro	1-11-915
8	Manuel Rodrigues	19	Pedreiro	1-11-915
9	Francisco Gomes	14	Serralheiro	1-11-915
10	Manuel Bento	17	Serralheiro	1-11-915
11	Carlos Sampaio (a)	14	Encadernador	9-11-915
12	José Alves dos Santos	13	Serralheiro	10-11-915
13	João da Silva	14	Cobridor de malas	15-11-915
14	Artur Fernandes	-	Chapeleiro	22-11-915
15	Abílio Monteiro (b)	13	Vendedor de jornais	24-11-915
16	José de Oliveira	28	Vendedor de jornais	14-12-915
17	José da Luz	-	Jardineiro	14-12-915
18	José Maria Martins	19	Caixeiro	16-12-915
19	Justina da Silva	13	Criada	24-1-916
20	Manuel Sequeira Gonçalves (a)	14	Serralheiro	24-1-916
21	António Roque	12	Sapateiro	2-2-916
22	José Francisco de Oliveira	18	Carroceiro	4-2-916
23	José Bento Carneiro	15	Trintanário	15-2-916
24	Joaquim Ribeiro	22	Pedreiro	17-2-916
25	José Ferreira dos Santos	-	-	22-2-916
26	José de Araújo Zuzarte	-	-	13-3-916
Média do curso				

(a) Fez exame do 1.º grau, ficando aprovado.

(b) Foi proposto para exame do 1.º grau, mas faltou

DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professora, Albertina de Jesus Lourenço

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 23		Dias lectivos 21		Dias lectivos 19		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 22	
Faltas	Aprovei- tamento														
1	6	5	7	2	9	4	10	17	-	-	-	-	-	-	-
-	6	2	8	1	9	5	12	3	13	2	13	10	13	22	-
1	5	-	6	3	7	2	9	12	10	1	10	16	10	22	-
1	6	8	7	9	8	4	9	5	10	7	10	16	10	22	-
4	6	5	7	7	8	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	6	10	7	6	9	5	10	4	11	8	12	20	-	22	-
-	6	5	7	-	8	12	9	20	10	11	10	18	-	22	-
5	6	4	8	5	9	10	11	9	11	12	12	21	-	-	-
4	6	12	7	13	8	3	10	3	11	6	12	9	13	18	13
1	5	13	6	18	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	7	1	8	1	9	-	12	2	14	8	15	3	16	6	18
2	5	6	7	10	8	13	9	20	-	-	-	-	-	-	-
-	10	1	11	1	12	1	13	18	13	-	-	-	-	-	-
-	5	6	7	-	8	3	9	13	10	20	-	22	-	-	-
-	7	-	8	-	9	2	12	4	14	10	15	-	16	9	17
-	-	1	6	3	8	10	9	8	10	13	-	22	-	-	-
-	-	2	7	3	8	10	9	17	10	20	-	22	-	-	-
-	-	3	6	6	8	7	9	11	10	20	-	22	-	-	-
-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	8	9	7	11	7	13	4	15	3	17
-	-	-	-	-	-	6	9	17	10	20	11	6	12	4	13
-	-	-	-	-	-	14	-	18	-	20	-	22	-	-	-
-	-	-	-	-	-	2	-	1	10	3	11	3	12	7	13
-	-	-	-	-	-	5	-	17	-	20	-	22	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	17	10	3	12	22	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	20	-	22	-	-	-
10	6,2	13	7,3	13	8,5	13	10	10	11	9	12	8	13	5	15,1

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola da Federação Operária

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Vítor Rafael Cardoso	-	-	-
2	António Francisco	14	Sapateiro	1-11-915
3	Arnaldo Ferreira	19	Electricista	1-11-915
4	Aurora Ferreira	14	Doméstica	2-11-915
5	António da Costa Duarte	28	Servente de tipografia	2-11-915
6	José Bicho	41	Tecelão	2-11-915
7	João Gomes	18	Servente das obras públicas	2-11-915
8	António F. Gomes	28	Servente dos hospitais	2-11-915
9	David Caetano de Almeida	24	Empregado no comércio	9-11-915
10	João Monteiro	15	Servente	11-11-915
11	Carlos Esteves de Castro	23	Barbeiro	15-11-915
12	Frederico da Luz Matos	14	Torneiro mecânico	19-11-915
13	Francisco Marques	26	Pedreiro	24-11-915
14	Américo da Silva	10	-	24-11-915
15	António Gonçalves	24	Padeiro	25-11-915
16	Albertina Ferreira do Souto	16	Costureira	25-11-915
17	Maria M. Pinheiro	15	Empregada na fábrica de tabacos	25-11-915
18	Maria Amélia Monteiro	12	Aprendiza de alfaiate	25-11-915
19	João de Almeida	20	Torneiro	29-11-915
20	Franklin de Jesus	27	Carregador	30-11-915
21	António Gomes	22	Latoeiro	2-12-915
22	Alfredo Sá	21	Barbeiro	16-12-915
23	Maria Emília	22	Ajuntadeira	20-11-915
24	Ester Jesus de Almeida	17	Costureira	28-11-915
25	Aurora de Jesus	17	-	-
26	Maria do Carmo Campos	16	Doméstica	17-11-915
27	Vítor Garcia	22	Marítimo	11- 1-916
28	Adelino Fernandes	23	Operário na fábrica de louça	12-11-916
29	Aida Palmira Saldanha	21	Doméstica	17- 1-916
30	José Maria Campos	14	Compositor	24- 1-916
31	Mário de Moraes	-	-	-
32	António Sant'Ana	-	-	-
33	Ermelinda dos Santos	17	Costureira	23- 3-916
34	Emília dos Santos	15	Costureira	23- 3-916
35	Umbelina Dias	-	-	-
Média do curso				

DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professora, Francisca Romero

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos -		Dias lectivos 21		Dias lectivos 20		Dias lectivos 18		Dias lectivos 18		Dias lectivos 16	
Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
2	13	9	12	13	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	9	6	10	8	16	7	12	9	12	5	12	5	12	5	12
2	14	1	14	-	14	2	14	16	-	15	-	2	12	3	13
2	12	14	-	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	4	7	12	4	12	15	-	20	-	18	-	12	-	9	-
10	13	11	12	6	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	11	9	13	-	-	5	12	5	12	5	12	5	12	14	-
2	12	7	12	4	12	5	13	-	-	-	-	-	-	-	-
3	14	7	11	6	11	12	11	2	11	8	12	18	-	-	-
3	10	2	12	1	13	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	-	16	-	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	10	10	13	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	12	4	10	4	12	5	12	7	12	12	-	18	-	-	-
-	-	11	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	-	8	12	16	-	21	-	-	10	5	10	8	10	15	-
2	-	20	-	19	-	19	-	21	-	10	5	10	8	10	10
2	-	17	14	16	-	21	-	4	12	7	11	13	-	-	-
-	-	3	14	11	14	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	10	10	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	3	14	2	14	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	5	-	10	9	17	-	20	-	-	-	-	-	-	-
-	-	3	12	4	13	7	13	5	13	4	14	4	14	-	-
-	-	1	12	14	13	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	2	9	5	10	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	1	9	10	10	17	11	15	-	-	-	-	-	-	-
-	-	5	12	8	10	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	1	12	17	-	12	-	16	-	-	-	-	-	-	-
-	-	10	2	12	4	12	11	15	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	6	13	18	-	-	15	-	-	-
-	-	-	-	10	12	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	-	13	2	13	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	8	12	16	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	-	14	2	13	-
13	19	15	12	12	12	10	11,6	10	12	10	12	10	12	7	13,25

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola de Palma de Cima

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matricula
1	João Barata	14	Aprendiz de carpinteiro	19-4-915
2	Domingos Martins	25	Pedreiro	19-4-915
3	João Espinho	14	Servente	19-4-915
4	António Martins	20	Servente	19-4-915
5	Augusto de Oliveira	12	Servente	19-4-915
6	João Simões	22	Servente	1-5-915
7	José Afonso	25	Pedreiro	4-5-915
8	António Ferreira	13	Aprendiz de carpinteiro	1-6-915
9	Carlos Ferreira	9	Aprendiz de carpinteiro	1-6-915
10	Carlos Mendes	13	Servente	30-8-915
11	Mário Soares	12	Servente	30-8-915
12	Francisco José	13	Funileiro	3-10-915
13	Jaime Lucas	11	Sem emprêgo	14-7-915
14	Alvaro Lourenço	17	Servente	8-10-915
15	Luis Fonseca	24	Trabalhador	27-10-915
16	José Ventura	18	Servente	27-10-915
17	Ildefonso Rodrigues	13	Servente	30-11-915
18	Acácio Nunes	26	Trabalhador	30-11-915
19	Alvaro da Graça	15	Servente	3-1-916
20	José Ribeiro da Silva	13	Canteiro	1-2-916
21	Francisco Isidoro	19	Serralheiro	1-2-916
22	Fernando Dinis	17	Jardineiro	1-5-916
23	António Marques	16	Servente	18-5-916
24	Augusto Nunes	14	Sem emprêgo	21-6-916
Média do curso				

DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professor, João Lima da Costa

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 20		Dias lectivos 23		Dias lectivos 22	
Faltas	Aprovei- tamento														
6	16	6	16	18	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	11	10	11	5	11	12	14	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	6	14	10	15	1	16	12	16
6	7	11	7	6	7	6	7	5	8	8	8	3	9	3	9
9	7	13	7	5	7	8	7	18	7	1	12	3	16	5	16
16	10	22	0	1	14	0	15	3	15	2	15	0	16	11	16
-	-	-	-	-	-	7	10	2	10	5	10	2	10	0	10
9	8	7	12	8	12	3	12	12	12	-	-	-	-	-	-
7	7	7	7	3	12	2	14	13	12	-	-	-	-	-	-
6	5	13	8	8	5	5	8	14	8	9	8	12	12	9	12
9	10	7	10	1	12	2	12	6	12	1	12	2	14	0	14
8	15	7	15	7	15	5	15	-	-	-	-	-	-	-	-
5	12	17	-	2	12	1	12	6	12	5	12	2	10	5	10
3	12	9	12	4	12	6	12	15	6	2	15	9	14	6	14
4	15	3	15	10	15	8	15	12	8	17	8	18	16	3	16
4	15	18	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	11	5	1	7	3	7	9	8	3	8	10	9	0	9
-	-	10	5	8	7	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	0	7	1	7	6	7	3	8	3	9	0	9
-	-	-	-	-	-	1	15	3	15	1	15	1	16	10	16
-	-	-	-	-	-	9	8	6	8	10	8	7	12	0	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	16	12	16
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	9	0	9
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	16
16	9	11	6	8	9	-	-	-	-	-	-	13	12	13	13

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola nocturna na Cantina Escolar da Freguesia de S. Miguel

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Maria Adelaide	32	Costureira.	1-11-915
2	Alvaro Lourenço	14	Empregado no comércio	1-11-915
3	Manuel Lourenço dos Santos . .	14	Aprendiz de ourives . .	1-11-915
4	António Joaquim Magalhães . .	25	Pasteleiro.	1-11-915
5	Serafim Chanut	14	Empregado no comércio	1-11-915
6	Júlio Pereira	15	Doméstica	1-11-915
7	Humberto da Piedade	18	Catraeiro	1-11-915
8	Joaquina da Piedade	18	Doméstica	2-11-915
9	Maria da Silva Pereira	14	Costureira	2-11-915
10	Rosa de Oliveira Pombo	18	Doméstica.	4-11-915
11	Berta das Dores	14	Doméstica.	4-11-915
12	Maria Rosa Ferreira	14	Doméstica.	1-12-915
13	Beatriz Araújo Pinheiro	19	Doméstica.	7-12-915
14	João Teodoro	14	Marceneiro	1-1-916
15	José Baptista	25	Trabalhador.	3-1-916
16	Maria do Carmo	13	Doméstica.	3-1-916
17	Francisco Diogo	20	Doméstico.	3-1-916
18	Félix da Cruz Antunes	21	Confeiteiro	3-1-916
19	Georgina Pereira	15	Peixeira	3-1-916
20	Mário da Silva	14	Entalhador	1-2-916
21	Maria dos Prazeres	15	Doméstica.	22-2-916
22	Teófilo da Cruz Tenente	16	Alfaiate.	5-4-916
23	António Rodrigues Câmara	12	Estudante.	27-4-916
Média do curso				

DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professora, Josefina Margarida Soares Homem

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 17		Dias lectivos 20		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 22	
Faltas	Aprovei- tamento														
6	16	5	16	4	16	10	14	5	14	5	16	9	15	-	17
3	18	3	18	-	19	-	19	-	19	-	19	4	18	-	20
3	14	-	15	5	15	9	11	4	10	20	-	22	-	-	-
6	16	7	15	3	16	13	12	21	-	-	-	17	-	-	18
8	10	9	10	3	12	11	10	16	10	7	10	17	-	6	12
5	10	6	10	5	10	2	11	6	10	3	10	8	11	-	13
6	10	8	10	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	14	-	16	-	16	3	16	-	16	3	16	22	-	-	-
-	15	7	14	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	15	-	16	-	16	4	16	1	16	2	16	1	18	2	18
8	10	15	-	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	3	14	6	13	10	11	21	-	-	-	-	-	-	-
-	-	3	15	12	15	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	10	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	5	17	3	17	4	17	2	17	22	-	-	-
-	-	-	-	1	15	3	15	8	14	2	14	3	14	4	14
-	-	-	-	1	16	4	16	12	10	20	-	-	-	-	-
-	-	-	-	1	14	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	14	8	12	12	11	20	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	3	10	2	10	8	10	8	10	8	10
-	-	-	-	-	-	-	10	-	12	8	13	1	14	1	16
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	10	5	10	5	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	18	-	22	-	-
8	13	8	14	13	14	10	13	9	13	8	13	6	14	8	14

Publicações recebidas últimamente

Anales de Instrucción Primaria. Ano XII-XIII. Tomo XIII.—N.ºs 1-18. Julio de 1914.—Diciembre de 1915. Montevideo, 1916 (vol. de 1:103 páginas) (República Oriental del Uruguay).

Apreciação teórica e sintética do som e seu timbre, dos instrumentos. Músicas, e suas mais poderosas e sublimes manifestações, por Alfredo Ansur. Lisboa 1915. (1 folh. broch.)

Boletim de Propaganda da Associação de Escolas Móveis e Jardins—Escolas de João de Deus.—Lisboa, Janeiro a Junho de 1915.

Boletim mensal da Universidade Livre.—Lisboa, Dezembro de 1915 e Janeiro a Abril de 1916.

Ecos Veterinários. Órgão da Associação dos Estudantes de Medicina Veterinária. Ano v.—Lisboa, Março de 1916.

Ensino Profissional (O). Semanário do Instituto Comercial Pereira de Sousa.—Lisboa, Maio, 1913.

Federação Escolar (A). Semanário consagrado aos interesses da Instrução e do Professorado. N.ºs 198 a 218. Janeiro a Maio de 1916.—Pôrto.

Fomento e Riqueza. Publicação do Instituto do Amigo da Criança. Ano I. Abril a Junho de 1916.—Lisboa.

Instrução (A). Quinzenário defensor da Escola e do Professorado Primário. Ano I. N.ºs 16 a 25. Janeiro a Junho do 1916.—Mogadouro.

Memoria correspondiente a los anos 1911 a 1914, inclusive, presentada a la Dirección General de Instrucción Primaria y al Ministerio de Instrucción Pública, par el Doctor Abel y Pérez. 1 vol. com 570 páginas e mapas.—Montevideo, 1915.

Regulamento da Exposição de Arte na Escola em 1916. Sociedade de Estudos Pedagógicos.—Lisboa.

Relatório da Comissão de Educação do Grémio da Mocidade Republicana de Elvas. Periodo lectivo de 1911-1912.—Elvas.

Relatório e contas da Associação de Estudos Móveis e Jardins. Escolas de João de Deus. De 1 de Setembro de 1914 a 31 de Agosto de 1915—Lisboa.

Relatório e contas do ano económico de 1914-1915 e Parecer do Conselho Fiscal da Associação de Assistência Infantil. Asilo dos Órfãos Desvalidos da Freguesia de Santa Catarina.—Lisboa 1915.

Relatório e contas em 30 de Junho de 1915 e parecer do Conselho Fiscal da Caixa Geral de Depósitos e Instituições de Previdência.—Lisboa 1916.

Revista de Educação Geral e Técnica (Boletim da Sociedade de Estudos Pedagógicos). Outubro de 1915. Janeiro e Abril de 1916.—Lisboa.

Revista de Guimarães. Publicação da Sociedade Martins Sarmento. Volume xxx. Ano de 1913.—Guimarães, 1916.

Sanitas. Revista de Terapêutica. Ano iv. N.º 4, 3.ª série.—Lisboa 1916.

Publicações do Ministério das Finanças.—Direcção Geral da Estatística:

Boletim comercial e marítimo. Outubro a Dezembro de 1914 e Janeiro a Março de 1915.

Exportação (A) de Portugal nos anos de 1914 e 1915, por meses.—Folheto para vulgarização.

Sobre comércio e navegação em Portugal desde que estalou a conflagração europeia. Folheto para vulgarização.

De entre as publicações recebidas resolvemos transcrever aqui as três seguintes, que, sendo de pequena extensão, serão de interesse para os leitores que se dedicam a cousas de instrução:

Votos do I Congresso Nacional de Educação Física, reunido em Lisboa nos dias 8, 10, 11 e 12 de Julho de 1916 e promovido pelo Ginásio Club Português.

«O I Congresso Nacional de Educação Física, reunido em Lisboa, por iniciativa do Ginásio Club Português em 9, 10, 11 e 12 de Junho de 1916, após discussão e votação das teses apresentadas, emite os seguintes votos:

1.º Que seja urgentemente criado um Instituto Normal de Ginástica, entidade orientadora da educação e cultura física e de estudo das condições físicas da criança portuguesa, métodos de ginástica, etc.

2.º Que a par da educação física obrigatória desde a escola primária se estabeleça com rigor a inspecção médica permanente, sendo

para desejar que neste serviço haja colaboração de oto-rino-laringologistas, oftalmologistas, dermatologistas, odontologistas e psiquiatras.

3.º Que na escola primária seja obrigatório o ensino de natação.

4.º Que desde já as câmaras municipais incluam nos seus orçamentos as verbas necessárias para estabelecer e manter campos de jogos, pistas de obstáculos, piscinas de natação e carreiras de tiro devendo para estas o Ministério da Guerra concorrer com a verba possível.

5.º Que o Estado isente desde já e durante dez anos do pagamento de quaisquer contribuições ou impostos às associações que se dediquem à prática dos exercícios físicos, incluindo as associações que dão, com o fim de propaganda, espectáculos públicos, toda a vez que o produto desses espectáculos reverta para o seu cofre.

6.º Que desde já em todas as escolas e liceus seja obrigatória a caderneta de educação física, mais completa do que a que é actualmente usada facultativamente.

7.º Que a todos os indivíduos que sigam a carreira das armas se exija o conhecimento de natação sujeitando-os a uma prova de resistência e velocidade, segundo plano previamente estudado. Como estímulo para as praças do exército e da armada os Ministérios da Guerra e da Marinha façam disputar anualmente um certo número de provas clássicas de velocidade, resistência, mergulho e salvação.

8.º Que se organizem as repartições de educação pedagógica que existem no Ministério de Instrução Pública de modo que possam promover a cultura física da criança portuguesa até os 16 anos de idade e daí por diante fique pertencendo essa função ao Ministério da Guerra.

9.º Que estes dois organismos devem manter a mais constante e íntima ligação para garantia segura do grande princípio da «nação armada», de forma que os professores e instrutores, caminhando de mãos dadas incutam no espírito público «que a caserna é hoje a continuação da escola».

10.º Que em todas as Universidades, liceus e mais institutos oficiais e escolas secundárias e especiais particulares seja desde já obrigatória a organização duma Instrução Militar Preparatória; que para esse efeito e mesmo enquanto se não fundam as sociedades ou núcleos, sejam os oficiais do exército autorizados a desempenhar o cargo de professor de educação física e instrutor da I. M. P., pelo menos nas escolas oficiais, cumulativamente com o serviço regimental ou outro de que estejam encarregados.

11.º Que sendo a gymnástica uma escola educadora da vontade e formadora da coragem, sem o propósito exclusivo de criar a força «bruta», haja todo o cuidado na especialização do que vulgarmente se chama gymnástica atlética, atletismo de força e desportos combativos. A cultura física devendo ser consecutiva a uma cuidada, rigorosa e apropriada educação física tem de ser orientada pelos ensinamentos de higiene e da fisiologia humana; procurando-se sempre a harmonia das formas para a constituição do tipo normal, deve fa-

zer-se rigorosa selecção para permitir a cultura física, apenas àqueles que já *educaram* o corpo segundo prescrições da sciência e arte de criar o homem».

Liga Popular contra o Analfabetismo — Relatório da gerência de Junho de 1914 a Maio de 1916, lido na Assembleia Geral realizada no dia 18 de Junho de 1916.

«A Liga Popular contra o Analfabetismo foi fundada em 14 de Junho de 1914 numa assemblea em que foram também eleitos os indivíduos que haviam de compor a Comissão Instaladora da mesma Liga.

É essa Comissão que tem gerido até agora o movimento desta colectividade, de cuja gerência vem dar contas aos seus eleitores.

Dividiremos o nosso relatório em dois períodos: o primeiro de Junho de 1914 a Julho de 1915; e o segundo, de Agosto de 1915 a Maio de 1916.

Junho de 1914—Julho de 1915

Neste período a Comissão Instaladora começou por angariar sócios, formar núcleos em Lisboa e fora, e procurar casas onde se instalassem os cursos que tencionávamos abrir no próximo ano lectivo.

Feito êste trabalho inicial, tratámos de nos avistar com o Ministro de Instrução, que era então o Sr. Sobral Cid, a quem a Liga ficou devendo muitas obrigações, ao qual comunicámos os nossos intentos, que êle louvou, resolvendo dar à Liga um subsídio de 1.000\$, mas com diversos encargos, como o de subsidiarmos por nossa vez sete centros escolares e o de arranjarmos casas para a instalação de seis escolas móveis, em bairros pobres, cujo pessoal seria nomeado e pago pelo Ministério de Instrução.

As seis escolas móveis foram instaladas: no Castelo, nas Escadinhas das Olarias, na Rua das Canastras, na Rua das Trinas de Mocambo, na Rua Primeiro de Maio e no Alto do Pina.

Os sete centros que subsidiámos foram os do Dr. Alberto Costa, Dr. António José de Almeida, Dr. Miguel Bombarda, Henriques Nogueira, Campo de Ourique, Belém e Núcleo Lux.

Os cursos nocturnos para adultos analfabetos de ambos os sexos por nós directamente instituídos e dirigidos foram seis e colocados nas sedes das seguintes associações e centros escolares: Associação Escolar de Ensino Liberal, Rua do Salitre, 192, 1.º e Rua de Alexandre Herculano, 129; Federação Operária, Rua do Bemfornoso, 150, 1.º; Associação da Construção Civil em Palma de Cima, Rua da Beneficência, 15-B; Centro de Alexandre Braga, Rua das Escolas Gerais, 63, 1.º; Cantina Escolar de S. Miguel, junto à igreja parochial; e Centro Escolar de Castelo Branco Saraiva, Rua da Boavista, 103, 2.º

Também estabelecemos um curso diurno para crianças pobres de ambos os sexos em Palma de Cima, Rua da Beneficência, 15-B.

Pelos documentos que nos foram enviados pelos professores de todas estas escolas e cursos apurou-se que aprenderam a ler, escrever e contar 201 indivíduos analfabetos de ambos os sexos e se aprofundaram na leitura, escrita e contas 132, alguns dos quais chegaram mesmo a fazer exame do 1.º grau, ficando aprovados.

Das seis escolas móveis para as quais, por indicação do Governo, arranjámos casa, apenas a do Castelo e a da Rua Primeiro de Maio nos enviaram regularmente as estatísticas dos seus cursos, por onde soubemos que tiveram frequência regular e proveitosa, tornando-se até a última muito notável pela exposição de provas dos seus alunos, que nela fez a respectiva professora, Sr.ª D. Elisabet Ferreira de Abreu.

Das outras, sabemos que uma delas deixou de funcionar pouco depois de começar o ano, e outra teve uma vida muito irregular, e ambas por falta de frequência do respectivo professorado; mas disso não somos responsáveis, porque não tínhamos faculdade de mudar o pessoal; comunicámos, porém, os factos às estações superiores, como consta dos documentos do nosso arquivo. As outras duas restantes escolas móveis mudaram, mais tarde, dos locais primitivos para outros.

Com todas as nossas escolas e cursos gastámos 907,548, como consta dos recibos devidamente documentados existentes na nossa tesouraria.

Agosto de 1915—Maio de 1916

Neste período a Liga Popular contra o Analfabetismo não recebeu subsídio algum do Estado, apesar da boa vontade dos Srs. Ministros de Instrução, Dr. Magalhães Lima e Dr. Lopes Martins, a quem o pedimos e que prometeram introduzir nos seus orçamentos verba correspondente. No Parlamento tivemos também a nosso lado, na Câmara dos Deputados o Sr. Deputado e nosso consócio António Mantas, e no Senado o Sr. Agostinho Fortes, que ambos apresentaram propostas a favor da nossa Liga. No Senado chegou mesmo a ser aprovada uma proposta de 1.000\$ a nosso favor, mas na sessão conjunta do Congresso, na noite de 30 de Agosto de 1915, inimigos da nossa Liga se opuseram, e conseguiram desfazer a obra dos Srs. António Mantas e Agostinho Fortes, aos quais, contudo, queremos deixar aqui registado o nosso mais reconhecido agradecimento.

No actual orçamento para 1916-1917, há, a favor da nossa Liga, a verba de 200\$, que sabemos, particularmente, ter sido obtida pela enérgica boa vontade do Sr. Deputado Carvalho Araújo, nosso consócio, cuja actividade para o progresso da nossa instituição tem sido grande, o que também desejamos registar com subido agradecimento.

Apesar, porém, de não termos recebido subsídio nenhum do Estado, nem por isso deixámos de trabalhar para que os cursos, que no ano anterior tiveram regular frequência, continuassem abertos. E isto se obteve, e até abrimos mais um novo curso no Alto Vare-

jão, que tem tido muita e aproveitada frequência de analfabetos de ambos os sexos. Para tudo isto contribuíram vários elementos, devendo, entre êles, indicar-se, com louvor, o zêlo das direcções dos centros e associações, onde o ano passado iniciámos estes cursos de aperfeiçoamento que a Liga Nacional de Instrução estabeleceu nas casas onde anteriormente instaláramos os nossos cursos de analfabetos. E mais teríamos feito no campo da luta contra o analfabetismo, se tivéssemos maiores recursos, porque não pudemos atender a certos pedidos dalgumas associações, sentindo que bastantes analfabetos não recebessemos a luz da instrução.

Não é possível fazer já o apuramento final dêste ano lectivo porque êle ainda não terminou. Entretanto, pelas estatísticas até agora recebidas e por outros meios, sabemos que os nossos cursos tem tido frequência e aproveitamento regulares.

Neste período elaboraram-se também os estatutos da Liga, que, sendo aprovados pelos fundadores, se mandaram imprimir. As despesas feitas neste período, até 31 de Maio de 1916, orçam por 101\$50 e a receita cobrada até esta data era de 112\$62, o que tudo consta dos documentos arquivados na tesouraria.

Creemos ter feito um relatório, resumido, sim, mas consciencioso e bastante elucidativo, da nossa gerência, como instaladores desta Liga. Devemos, porém, acrescentar que não pudemos sempre o § único do artigo 16.º, por nem sempre aparecerem os cinco vogais necessários para se realizar a sessão e não haver necessidade de de todas as semanas celebrar reuniões.

Achando-se agora esta Liga já instalada, com os seus estatutos aprovados, e com dois anos de actividade a bem da instrução popular, resta-nos esperar que os corpos gerentes que vão ser eleitos, consigam produzir obra mais larga e benemérita em benefício da instrução e educação das classes pobres, que tanto necessitam do zêlo e boa vontade das pessoas inteligentes e altruístas.

Lisboa, 18 de Junho de 1916.—O Presidente da Comissão Instaladora, *M. Borges Grainha*.

Lido êste relatório, foi aprovado, procedendo-se em seguida à eleição dos corpos gerentes da Liga, para o triénio de 1916–1917, que deu o seguinte resultado:

Direcção

Presidente—M. Borges Grainha.
 Vice-Presidente—Dr. Gomes da Silva.
 Secretário—Mário Gastão Ferreira.
 Substituto—J. J. Santos Amaral.
 Tesoureiro—José de Oliveira.
 Substituto—José Simas.

Vogais:

Ana Castilho.
 Adelaide Abrantes.

João Graça.
António Abrantes.
J. Pedro dos Santos.
Eduardo Barbosa.
Artur Liberal.
José Dias dos Santos.

Mesa da Assembleia Geral

Presidente—J. B. Carvalho Araújo.
Vice-Presidente—Joaquim Kopke.
1.º Secretário—Sebastião Vieira e Silva.
2.º Secretário—Carlos Tarujo Nunes Correia.

Substitutos:

Fernando Domingues.
Miguel Luís Vieira.

Comissão Revisora de Contas

Presidente—António Mantas.

Vogais:

Tomás da Fonseca.
Alfredo Soares.

Substitutos:

Albino José Baptista.
José Ferreira da Costa.
António Pereira.

A notícia da eleição e tomada de posse destes corpos gerentes da Liga foi publicada no *Diário do Governo* de 5 de Julho de 1916, 3.ª série, n.º 155 p. 1792, 3.ª col.

CENTRO ESCOLAR DEMOCRÁTICO DE CAMPO DE OURIQUE

Mapa do resultado dos exames do 1.º e 2.º grau
no ano lectivo de 1915-1916

Nomes	Classificações	Observações
1.º Grau		
Álvaro de Brito	Distinto	Aula diurna.
Luís Garcia Coelho	»	Idem.
Albino de Oliveira	Bom	Idem.
João dos Santos	»	Idem.
Manuel Martins	»	Aula nocturna.
Armando Venceslau Matos	Aprovado	Idem.
Celestino Tormenta	»	Aula diurna.
José dos Santos	»	Idem.
Manuel Viegas Cascalheira	»	Aula nocturna.
Vítor Alves Neto	»	Idem.
Fernando de Matos	-	Não compareceu ao exame não expli- cando o motivo por que o fez.
2.º Grau		
Sexo feminino		
Alice da Costa Coelho	Aprovada	Aula diurna.
Carolina de Brito	»	Idem.
Leopoldina da Conceição Pereira	»	Idem.
Celeste Cupertino Pereira Fernandes	Adiada	Idem.
Júlia Santos Oliveira	»	Idem.
Sexo masculino		
António Lopes	Aprovado	Aula nocturna.
Edmundo da Costa Coelho	»	Aula diurna.
Jorge Gonçalves Tavares	»	Idem.
José Marçal	»	Idem.
Manuel Henriques	»	Aula nocturna.
Mário Pires	»	Aula diurna.
Norberto dos Santos Marques	»	Aula nocturna.
Curso nocturno para analfabetos		
António dos Reis	-	} Alunos que aprende- ram a ler e a es- crever.
António Pinto	-	
Lucinda Firmino	-	
César Alfaia	-	
Mário Ferreira	-	
Luís Sacadura	-	
João Baptista	-	

Nomes	Classificações	Observações
Adelaide Ferreira	—	Alunos que aprenderam a ler e a escrever.
José Benedito	—	
Hermínia Pinheiro	—	
Francisco da Luz	—	
Joaquim Mendes	—	
Antero Ferreira	—	

Resumo

Distintos	2
Bons	3
Aprovados	15
Adiados	2
Desistiu	1
Total dos alunos submetidos a exame	<u>23</u>

Canções Escolares classificadas no IV Congresso Pedagógico, celebrado em Abril de 1914

Visto ter-nos sido impossível até agora fazer a publicação integral das Canções Escolares classificadas no concurso que se efectuou por ocasião do IV Congresso Pedagógico, celebrado pela Liga Nacional de Instrução em Abril de 1914, resolveu-se que se fôsem publicando em números sucessivos d'este *Arquivo*.

Neste número vão as classificadas com o *Primeiro Prémio* em cada um dos quatro grupos a que se subordinou o concurso:

- 1.º grupo — Canções para crianças de 4 a 7 anos.
- 2.º grupo — Canções para crianças de 7 a 12 anos.
- 3.º grupo — Canções para adolescentes de 12 a 14 anos.
- 4.º grupo — Canções para adolescentes de 14 a 20 anos.

(Veja-se o n.º 1 da I Série d'este *Arquivo*, pp. 20-23).